



## Parlamento das Religiões do Mundo



Lion dança no Parlamento das Religiões do Mundo

O 5º Parlamento das Religiões do Mundo aconteceu em Melbourne, 3-9 Dezembro 2009, com mais de 6 mil pessoas de 200 países, representando todas as principais religiões do mundo. Parte festival religioso, parte procissão, o Parlamento foi, acima de tudo, uma enorme conferência e encontro de corações, mentes e espíritos. Os principais temas foram discutidos: o papel das religiões na resolução de conflitos; como obter valores morais e espirituais para a vida econômica, as perspectivas dos povos indígenas, as alterações climáticas e muito mais. Nas palavras de Martin Frick, diretor do Fórum Humanitário Global, “é o maior encontro mundial de organizações de base” - mais de 4 bilhões de pessoas afirmam fidelidade a uma ou outra religião. Frick estava lá para se envolver com grupos de fé sobre a mudança climática com a ajuda de IdeM, antes de ir para Copenhagen. Este objetivo foi alcançado de diversas maneiras, incluindo uma série de entrevistas em vídeo (veja em <http://iofcenvironment.wordpress.com/>).

IdeM também ofereceu uma oficina de Criadoras de Paz. A sessão sobre “Aprender a perdoar: curando o nosso passado, criando o nosso futuro” apresentou o autor Michael Henderson, de IdeM, e o documentário “O Imame e o Pastor” por FLTfilms foi exibido e discutido em duas sessões separadas. Fora do programa oficial, Armagh, o centro de IdeM em Melbourne, organizou duas ocasiões com oradores do Parlamento. A primeira, “Pode qualquer um ser um agente de paz?”, apresentou Michael Henderson e Sulak Sivaraksa, ela tailandesa fundadora da Rede Internacional de Budistas Engajados, que tem trabalhado ao longo de muitas décadas para combater a injustiça e discriminação na Ásia. A segunda, “Centelhas de Paz”, apresentou um grupo de agentes de paz com judeus, cristãos e muçulmanos da Terra Santa. Ibtisam Mahamid, uma palestina cuja família havia sido expulsa em 1948, descreveu suas emoções depois de ser jogada para fora de um ônibus por nenhuma outra razão que o fato de ela parecer uma árabe palestina. Ela então transformou do ódio para tentar entender a dor, sofrimento e medo que

estava por trás dessas ações. Lendo sobre o holocausto, ela disse, “ chorei por uma semana”. Cada grupo teve experiências semelhantes de conseguir compreender a dor do outro, o que lhes permitiu trabalhar derrubando os muros do medo e da desconfiança.

## Jornada para a Esperança

O mundo está vivendo em um momento oportuno na história humana - um ponto de mudança nos assuntos humanos, disse o professor Gerald Pillay, vice-reitor da Universidade Liverpool Hope, no Reino Unido, quando dirigiu o fórum de IdeM “Construindo a Confiança para o nosso Futuro”, realizada ali em 14 de novembro. O terrorismo e a guerra, a desigualdade, a corrupção, a crise financeira global e a perda de confiança nas instituições políticas são sintomas de uma profunda crise de valores, com raízes nas filosofias que se moldaram o mundo moderno e secular. Esta crise foi tão fundamental, disse ele, que podemos fazer “uma jornada ao desespero ou uma jornada para a esperança”.

“O que podemos fazer contra as forças históricas que nos moldaram?”, perguntou ele. Hope desafia ao longo da história através da visão de fé. “Podemos ter uma sociedade feita pelo melhor do espírito humano. Uma das melhores maneiras de alcançar nosso potencial humano é através da comunidade. O restabelecimento das relações é a base da construção de confiança. Que Deus nos ajude se não conseguirmos fazer isso. Um pequeno ato de amor pode efetuar uma grande mudança”, concluiu. O fórum abriu na noite anterior com um painel de oradores do Reino Unido, Austrália, Letônia, Somália e Zimbábue. Em seu discurso, o professor Pillay falou de seu sonho no qual o fórum poderia se transformar, no próximo ano, em um curso na Universidade Liverpool Hope, “trazendo aquele grande trabalho de cura e reconciliação” que ele tinha experimentado nas conferências anuais de IdeM em Caux, na Suíça.



Professor Gerald Pillay no fórum

# Últimas Notícias

## Construindo uma Narrativa Comum



### Dia Metropolitano de Richmond 2009

Mais de 300 pessoas participaram do desjejum anual do 13º Dia Metropolitano de Richmond em 12 Novembro, organizado por Esperança nas Cidades, de IdeM. Ao invés de ouvir os discursos, os participantes se juntaram em grupos de diálogo focando sobre as relações raciais, divisões sócio-econômicas e culturais. Usando um teclado de resposta individual, os participantes foram capazes de indicar que histórias / perspectivas mais ouviram. Essas respostas foram cruzadas com informações demográficas sobre localização, raça e cultura dos participantes, fornecidos anteriormente. Comentando sobre “Construir confiança vem de uma Narrativa Comum”, Tom Silvestri, presidente e publicitário do Times Dispatch Richmond, explicou que o objetivo era ir além de pertencerem a grupos diferentes com histórias diferentes.

### Grupo no Fórum de Copenhagen

Uma equipe de cientistas ambientais, ativistas e jornalistas que se reuniram no Fórum pela Segurança Humana em Caux 2009 formaram um “grupo ambiental e econômico” com a visão “Nós, de IdeM, acreditamos que há o suficiente no mundo para a necessidade mas não para a ganância de todos. Vivemos pela confiança e não pela insegurança, construída sobre um alicerce de valores morais e espirituais com dedicação à uma vida digna para todos. A mudança começa com cada um e como uma rede global e diversificada, trabalhamos por um mundo saudável e sustentável”. Vários do grupo participaram da conferência em Copenhagen na tentativa de “construir a confiança em meio às divisões entre os negociadores, os adversários e as partes interessadas e criar um ambiente onde novos impulsos e estratégias para lidar com as necessidades humanas básicas possam surgir, (apoio) decisões para acordos, ações e políticas significativas de redução da mudança climática”. Blogs diários daqueles momentos estão

disponíveis em <http://iofcenvironment.wordpress.com/>.

### Diálogo entre Produtores - África

O evento foi lançado oficialmente em Kampala, Uganda, 26 de Novembro, na presença do Rei da Buganda, representantes de governo e organizações relacionadas com a agricultura. Entre os 250 que compareceram estavam os participantes de outros encontros no Quênia, Tanzânia, Congo, Ruanda, Inglaterra e França, mostrando os efeitos dessas trocas ao longo dos últimos 15 anos. Diálogo entre Produtores é um programa de IdeM que visa ajudar os agricultores a renovar sua vocação para alimentar a humanidade e reduzir a pobreza através do intercâmbio de conhecimento e confiança. Um delegado descreveu o programa como o combustível que permite que pessoas comuns possam alcançar resultados incomuns. Lançando o Diálogo entre Produtores - África, John Ntimba, ex-embaixador de Uganda na Índia, resumiu enfatizando a importância do diálogo e da integridade e disse que as políticas são necessárias para dar aos agricultores um meio de vida decente.

### Apelo por Ética nas Finanças

Pouco mudou no setor bancário desde a crise de 2008, destacou Paul Moore, ex-chefe do risco regulatório no Banco britânico HBOS, falando a um grupo de banqueiros e outros no Caux Iniciativas para os Negócios no centro de IdeM em Londres, 10 Novembro. Moore, conhecido como o delator da HBOS após prestar depoimento no Parlamento do Reino Unido, disse que, apesar dos apelos de líderes políticos por um inquérito, a influência do setor financeiro junto aos partidos políticos foi provando um enorme obstáculo à mudança construtiva. Ele fez várias sugestões, incluindo capacitação em ética formal, um juramento de Hipócrates para banqueiros e fim a auto-regulação na indústria. Moore citou o delator Enron Sherron Watkins, que havia se convencido de que uma mudança “baseada na fé” era necessária para alterar a ética e a mentalidade do setor financeiro.

### Programa de Liderança Harambee

AO Programa de Liderança Harambee, com 6 semanas de duração, encerrou em 30 Novembro. Os 18 jovens participantes

de 7 países começaram com duas semanas de treinamento em Addis Ababa, Etiópia, seguido por um programa de 4 semanas em escolas, universidades e comunidades da região, e também com reuniões com líderes políticos e empresariais. Mazuba Kanyile, um produtor da África do Sul, escreve: “É a troca de histórias individuais e experiências que me tocou tão fundo .... Eu levo comigo um novo compromisso de ‘ser a mudança que eu quero ver’. O fogo que queimou uma vez na boca do meu estômago com o desejo de uma África maior está vivo mais uma vez”.

## CALENDÁRIO

### MELBOURNE, AUSTRALIA

5-14 Fevereiro

Curso Questões da Vida

### PANCHGANI, INDIA

26-28 Fevereiro

Valores Éticos em Cuidados Médicos

### QUEBEC, CANADA

Março-Abril

Caravana de Diálogos pela Paz

### CAUX, SWITZERLAND

Conferências de Caux

Ver [www.caux.ch/2010](http://www.caux.ch/2010)

2-7 Julho

Aprendendo a Viver num Mundo Multicultural

9-16 Julho

Fórum de Caux pela Segurança Humana

26 Julho - 2 Agosto

Todo Mundo Conta

4-10 Agosto

Levando a Mudança para um Mundo Sustentável

4-10 Agosto

Cursos de Treinamento de IdeM

12-17 Agosto

Confiança e Integridade na Economia Global

### PANCHGANI, INDIA

1 Novembro - 30 Março

Ação para a Vida 5

**OLHAR GLOBAL** é uma tradução do boletim bimensal GLOBAL UPDATE editado por IM Internacional. E-mail:

[ia-secretariat@iofc.org](mailto:ia-secretariat@iofc.org). Incentivamos todos a fazer réplicas e distribuir em sua comunidade.

Por favor, envie seus comentários em inglês para [globalupdate@iofc.org](mailto:globalupdate@iofc.org), ou em português para [iniciativasdemudanca@br.iofc.org](mailto:iniciativasdemudanca@br.iofc.org)





Chea Vannath e vítimas de torturas de um centro do KR no Camboja

## GENTE PROMOVENDO CONFIANÇA

### Agente de Paz dos “Campos da Morte”

*Na recente conferência Criadoras de Paz de IdeM em Sydney, Chea Vannath descreveu a sua longa jornada para casa - para si e para seu país ferido. Susan Korah escreve ...*

Radiante como uma lótus branca, que simboliza a sua fé budista, Chea Vannath emergiu das águas profundas e barrentas do sofrimento e angústia pessoal para o sol brilhante de calma interior e uma vida de construção da paz.

Seus primeiros anos de vida de relativo privilégio como funcionária do governo cambojano, casada com um médico militar, chegaram a um dia fatídico, em Abril 1975, quando o totalitarismo de Pol Pot chegou ao poder e obrigou a um período de 4 anos de morte e destruição.

### **‘Não podemos escolher as coisas que gostamos e descartar as coisas que não gostamos’**

Como membros da elite urbana do Camboja, Chea e sua família eram desprezados pelo Khmer Vermelho (Partido Comunista do Kampuchea) que os viam como inimigos ao seu grande esquema de transformar o país numa utopia agrária. Com milhões de outros, eles foram enviados para os campos de trabalho forçado.

“Como qualquer outra pessoa, eu trabalhei na roça plantando e colhendo o arroz. O trabalho diário era de 4h às 22h. Às vezes, o Khmer Vermelho (KR) chamava para reuniões que duravam até 1h da manhã ... As pessoas tinham de confessar qualquer pensamento infiel, sentimentos negativos ou erros cometidos. Quem reclamava das dificuldades desaparecia sem explicação”.

“Os líderes do KR levaram o país ao terror, ódio, amargura, ilusão e desilusão. Das 8 milhões de pessoas, 5 milhões ficaram desabrigadas e cerca de 1,7 milhões morreram... Muitos foram enterrados em valas comuns depois de terem sido deliberadamente mortos em suas torturas. Outros morreram por excesso de trabalho, doenças e desnutrição”.

Como ela estava doente e passando fome, pensando que ela estava morrendo, esta budista suave e de fala mansa experimentou sua própria “iluminação” pessoal, aceitando a responsabilidade por sua própria passividade no passado, quando o Camboja fora capturado no alastramento da guerra do Vietnã. “Eu rezava em silêncio por misericórdia de meus pais e do Buda ... Pouco a pouco, minha mente e meu corpo tornaram-se sereno e calmo”. Ela sobreviveu.

“Guerra e paz, vida e morte, tristeza e alegria, o bem e o mal, desastres e harmonia estão entrelaçadas. Essa é a lei da natureza. Isso é a vida!”, disse ela à conferência de Criadoras de Paz, na Austrália. “Não podemos escolher as coisas que gostamos, e descartar as coisas que não gostamos. Mas o que podemos fazer é manter o nosso equilíbrio mental, nosso equilíbrio para melhor enfrentar a realidade”.

Em 1979, o exército vietnamita entrou no Camboja para expulsar o KR. Chea e sua família voltaram para casa, mas a vida não era segura. “A situação era caótica. Acusação, ódio, vingança e desconfiança foram generalizados, então decidiu fugir para a Tailândia” andando pelas florestas infestadas por minas terrestres e



soldados do KR.

Em um campo de refugiados da Tailândia, Chea começou a trabalhar para os pobres e vulneráveis, tornando-se líder das mulheres e, mais tarde, depois de ser aceita nos EUA, foi secretária-geral de uma organização Khmer. De uma jovem, passiva e modesta mulher, ela se transformou numa ativista internacional, que hoje trabalha incansavelmente pela reconciliação e combate à corrupção, que ela considera a raiz dos problemas de seu país.

Sua chance de voltar e ajudar a reabilitar o Camboja veio quando foi recrutada para uma missão da ONU de restaurar a paz e um governo democrático em 1992-94.

Ela também credita IdEM pela parte de sua transformação pessoal. Sua primeira visita ao Centro Internacional de IdEM em Caux, na Suíça, na década de 1990, foi catalisador “para empurrar-me para este trabalho de reconciliação, me ajudando a ver que poderia ser feito”.

## **‘Nós precisamos mobilizar uma força para uma reforma maior do que a força de resistir à reforma’**

Em 1999, enquanto outros - muitos deles fora do Camboja - estavam tentando trazer o KR à justiça, Chea foi a primeira a organizar fóruns de cambojanos comuns para expressar suas experiências e dizer se os julgamentos deveriam ser mantidos. Estes fóruns foram organizados em diferentes regiões do país pelo Centro para o Desenvolvimento Social (CSD), uma ONG sem fins lucrativos ou políticos que ela ajudou a fundar em 1995 e conduziu como presidente até 2006. Enquanto preparava os fóruns, ela percebeu que o “julgamento não era o produto final. O que precisávamos era de reconciliação nacional”.

Em um movimento sem precedentes, Chea convidou intelectuais do KR e pessoas que tinham vivido sob eles para falar de seus pensamentos. Alguns observadores foram críticos pela inclusão do KR, assim como muitos cambojanos foram incapazes ou não quiseram confrontar seus antigos opressores.

“Os fóruns provocaram uma resposta enorme em todo o país. O primeiro foi transmitido pela televisão”, relatou Chea. Cerca de 82% dos participantes considerou que os julgamentos seriam vantajosos. “Mas para nós, o fundamental era que o debate público tivesse ocorrido. Cambojanos estavam começando a lidar com seu passado”. Ela contou que “você não pode apenas alcançar a reconciliação quando quiser. Você tem que passar por todas as etapas: (encontrar) a verdade, justiça e então a reconciliação”.

Em uma emocionante declaração de perdão pessoal, disse à conferência de Sydney como, 4 anos depois que Pol Pot morreu de causas naturais em 1998, ela foi visitar o local onde ele tinha sido cremado, no topo de uma montanha na fronteira Tailândia-Camboja. “Com serenidade, sem tristeza, sem alegria, sem ressentimentos,

eu queimei incensos para a libertação de sua alma.”

Na verdade, serenidade e equilíbrio interior em face à turbulência externa foram marcas de seu credo pessoal, ainda que seu país tenha lutado por mudanças radicais em sua busca por um governo pacífico e efetivo. A transição do controle totalitário para uma monarquia constitucional moderna não tem sido fácil, e uma economia de livre mercado tem proporcionado mais oportunidades para a corrupção em grande escala.

Chea identifica como crítica a necessidade de combater a corrupção e guiar o Camboja no sentido da responsabilidade democrática e da transparência.

Sob a sua liderança, o CSD produziu o primeiro levantamento nacional sobre a corrupção. Uma preocupante descoberta foi que os jovens tinham pouca consciência do perigoso impacto da corrupção na educação, saúde e bem-estar social. Em cooperação com o Ministério da Educação, Juventude e Desporto, o CSD desenvolveu o primeiro currículo nacional sobre transparência, integridade e responsabilidade. Formando uma Força-Tarefa Transparência, 6.000 professores foram treinados para as escolas públicas de todo o país.

Chea e o CSD têm estado na vanguarda da campanha (sem sucesso até agora) pela legislação anticorrupção para reprimir os infratores. Mas “trabalhar por um quadro legal contra a corrupção não é suficiente”. CSD formou uma “Coligação para a Transparência – Camboja” levando mais de 200 membros do governo, militares, policiais, estudantes, ONGs, mídia e monges budistas em uma campanha para “sensibilizar o público sobre como a corrupção afeta a família, a sociedade e o país”.

“Há bons e maus em todas as coisas, no governo, na sociedade, em todos os lugares”, diz ela. “Nós precisamos mobilizar uma força para uma reforma maior do que a força de resistir à reforma”. Chea ganhou numerosos reconhecimentos nacionais e internacionais, e foi uma das nomeadas entre as “1000 mulheres para o Prêmio Nobel da Paz” em 2005.

Para ela, o caminho à frente é claro - na seqüência dos ensinamentos de Buda: visão correta, da aspiração correta, fala correta, conduta correta, esforço correto, atenção plena correta, concentração correta e modo de vida correto.



Chea Vannath na Conferência de Criadoras de Paz, Sydney